

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

**António Manuel Pinto Barbosa,
economista e governante**

JORGE BRAGA DE MACEDO, PEDRO SOARES MARTÍNEZ E MANUEL JACINTO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2021

António Manuel Pinto Barbosa, economista e governante

JORGE BRAGA DE MACEDO,
PEDRO SOARES MARTÍNEZ† E MANUEL JACINTO NUNES¹

Resumo

António Manuel Pinto Barbosa (1917-2006), economista e governante, foi incluído pelo *Expresso Revista* entre os “Cem portugueses que moldaram o século XX”. Foi biografado por João César das Neves e Francisco Azevedo e Silva num livro publicado em 1999, cujo capítulo 7 o intitula “Decano dos economistas”, mas a sua actividade na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, que fundou em 1978 e onde foi homenageado em 1989, e sobretudo na Academia das Ciências de Lisboa, é menos conhecida. Este escrito tenta reparar a falha e foca ainda o problema dos desequilíbrios da balança de pagamentos na Europa e no mundo que tanto o preocuparam, na medida em que interagem perigosamente com os desequilíbrios orçamentais, hipotecando a riqueza das nações. Inclui o elogio pronunciado em sessão conjunta da Academia das Ciências de Lisboa, 14/11/13 (cadeira n.º 18L), o discurso de aceitação por Pedro Soares Martínez (1925-2021), então decano da secção de direito e ciência política da Academia (cadeira 11L), pronunciado na mesma sessão, e um testemunho de Manuel Jacinto Nunes (1926-2014), que sucedeu a Pinto Barbosa enquanto decano dos economistas portugueses e da secção de economia e finanças da Academia (cadeira 8L), mas não estava na sessão. Seguem-se complementos incluindo excertos duma análise dos desequilíbrios externos na Zona Euro no espírito de Pentti Kouri (1949-2009).

¹ A leitura do processo individual (PACL) foi iniciada em 14/08/13, o texto foi revisto em 03/09, 10/11 e depois da apresentação. Agradeço ao pessoal da ACL e da Biblioteca Almeida Negreiros (BAN) o desvelo com que me atenderam. Sem a sua colaboração não teria conseguido juntar as espécies listadas no anexo 1. Também estou muito grato aos confrades por me terem autorizado a publicar os seus textos e a Laura Domingues e Isabel Rosa, do IICT, pelo apoio. Este texto apareceu como *Nova Economics Working Paper* n.º 577 ver. 2, Dezembro 2013 disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/11124/1/WP577-rev.2.pdf>. Não posso deixar de evocar a memória de outros mestres e alunos amigos, referenciados p. 234: Rudi Dornbusch (1942-2002), MIT; Dick Cooper (1934-2020), Yale e Harvard, Urho Lempiäinen (1951-2021), doutorado em Princeton que regressou à Finlândia natal.

Abstract

António Manuel Pinto Barbosa (1917-2006), economist and official, was included by *Expresso Revista* among the 100 Portuguese who shaped the 20th century. Though he has been biographed by João César das Neves and Francisco Azevedo e Silva in a book published in 1999, whose chapter 7 calls him the dean of economists, but his activity at Nova School of Business and Economics, which he founded in 1978 and where he was honored in 1989, and especially at the Lisbon Academy of Sciences are less known. This paper attempts to fill the gap and focuses on the problem of balance of payments disequilibria in Europe and in the world about both of which he worried greatly since they interact dangerously with budget imbalances, mortgaging the wealth of nations. It reproduces the academic eulogy presented at the joint session of the Academy where the author was received to chair 18L, the response by Pedro Soares Martínez (1925-2021), then dean of the law and political science section (chair 11L), at the same session and a testimony by Manuel Jacinto Nunes (1926-2014), who became dean of Portuguese economists and of the economics and finance section (chair 8L). Three annexes with references, his personal file at the Academy and excerpts from recent contributions to the analysis of payments imbalances in the Euro Zone in the spirit of Pentti Kouri (1949-2009) are also included.

Índice

- Elogio: Jorge Braga de Macedo
- Recepção: Pedro Soares Martínez
- Testemunho: Manuel Jacinto Nunes
- Complementos
- A. Notoriedade com delicadeza de trato
- B. Testemunhos adicionais
- Anexo 1: Referências e trabalhos consultados
- Anexo 2: Processo individual (PACL)
- Anexo 3: Desequilíbrios externas na Zona Euro

Senhor Presidente,
Eminentíssimos Confrades,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Hoje elogio António Manuel Pinto Barbosa, economista profissional que procurou equilibrar as pertenças e liberdades dos portugueses – sem hipotecar o futuro. Devo-lhe a entrada nesta Casa, pela mão do saudoso Presidente Pina Martins. Vai para três anos, numa sessão sobre a crise europeia em que também falaram os confrades Manuel Porto e Rui Machete, comprometi-me a recordar aquele que foi o decano dos economistas portugueses, rendido nessa categoria pelo Presidente Jacinto Nunes, seu antigo aluno.

Ao cumprir o compromisso, quero agradecer aos seus dois filhos, de quem sou colega na Universidade Nova de Lisboa há mais de três décadas. Vejo neles a cara do pai – segundo a fotografia que entregou em 12/03/69 ao Secretário-Geral Braga Paixão.

Complementado por um texto dividido em duas secções e três anexos, o elogio salienta a notoriedade com delicadeza de trato que caracterizava o meu antecessor na cadeira 38, hoje 18L. Depois focarei o problema dos desequilíbrios da balança de pagamentos que tanto o preocuparam na Europa e no mundo, na medida em que interagem perigosamente com os desequilíbrios orçamentais, hipotecando a riqueza das nações.

A notoriedade de António Manuel Pinto Barbosa é visível no título de João Duque em “Cem portugueses que moldaram o século XX”, *Expresso Revista* 03/08/13: “O pensador económico 1917-2006 Professor de Economia e Governante”. A fotografia usada na *Revista*, sorrindo enquanto votava na Câmara Corporativa, encontra-se na “biografia económica” escrita por João César das Neves e Francisco Azevedo e Silva, publicada pela Verbo em 1999. O capítulo 7, intitulado “Decano dos economistas”, dá muitos outros indícios de notoriedade nacional e internacional. Ainda assim, cabe numa só frase a actividade nesta Academia, falha que é tempo de reparar.

Na *Biografia*, também o livro de homenagem de 730 páginas publicado em 1989 com o título *Nova Economia em Portugal* é tratado em dois parágrafos, pouco mais do que o elenco dos organizadores: quatro da UNL, três do ISEG e um de Coimbra. Recordo a resistência do saudoso Xico Moura ao título que só a energia

do igualmente saudoso Alfredo de Sousa conseguiu superar. Como dizemos na “Nota Prévia”, os 35 ensaios de 43 autores foram “a melhor forma de mostrar ao amigo e mestre a profunda gratidão pelo serviço que prestou ao ensino e à investigação da economia em Portugal”. Pretendemos, sem ilusões de jamais o conseguirmos, “retratar as múltiplas facetas do interesse do homenageado, da economia portuguesa ao método, da fiscalidade aos bancos, da economia pública à economia internacional, doseando sempre com habilidade as abordagens analíticas e históricas”.

Salientávamos ainda os contributos de dois prémios Nobel em Economia, James Tobin e Robert Mundell, tendo o segundo escrito um artigo intitulado “New Deal on Exchange Rates” por julgar ser “*an appropriate contribution to the Festschrift for Governor Barbosa whom I have known and admired long before the old Bretton Woods system broke up.*” (p. 405)

A respeito do *Festschrift* Barbosa, dos cinco organizadores vivos, os três ligados à universidade pertencem à 6.^a secção da Classe de Letras. Por outro lado, o lugar de Tobin na Academia foi substituído em 2009 por Paul Krugman, prémio Nobel em 2001, e Olivier Blanchard, economista chefe do FMI, tendo a secção planeado uma conferência sobre a crise com o apoio do Banco de Portugal.

Inspirada na carta sobre a crise enviada à Rainha Isabel pela Academia Britânica, a conferência deu lugar a um projecto em colaboração com a Classe de Ciências (v.g. Jean-Pierre Contzen, Rui Vilela Mendes e Rui Malhó) e aberto à lusofonia, intitulado “Carta à Rainha Lusófona” de que saiu um fascículo *Writing to Queens while crises proceed*, editado pelo Instituto de Investigação Científica Tropical. O projecto visava também reunir os dois novos sócios estrangeiros propostos pela 6.^a secção. O envolvimento do prémio Nobel – Krugman’s TriDoc – vem aliás documentado na revista de Coimbra *Notas Económicas* de Junho 2013. Ambas podem ser consultadas na Biblioteca, que adquiriu a *Biografia* mas não o *Festschrift*.

Acontece que, na semana passada, Blanchard convidou Krugman para a *Mundell-Fleming Lecture* e este defendeu que a crise da Zona Euro é mais uma crise de balanças de pagamentos do que de dívidas soberanas. Ora a relevância do Plano Keynes para os pagamentos intra-europeus foi defendida nesta Casa em Novembro de 1977 pelo meu antecessor!

Voltarei ao assunto porque, além de alguns dos testemunhos que recolhi, quero enaltecer a robustez das ideias do insigne economista e governante – que tanto me ajudou em ambas estas qualidades que partilhámos.

Começo por recordar como, na sessão de 23/03/78, em que o elogio a Ruy Ulrich ficou a cargo do novo titular da cadeira 38, Moisés Amzalak descreveu o homenageado de hoje:

“As condições da sua vida e da sua acção como economista levaram-no a frequentar os grandes areópagos de economistas estrangeiros da actualidade, onde conquistou facilmente o apreço em que é justamente tido internacionalmente, a ponto de o convidarem, em nada tangendo a modéstia da sua elevada personalidade. Aqui na nossa Academia goza efectivamente da estima dos seus confrades pela sua gentileza nos contactos humanos, pela forma como logo se impôs pelas suas virtudes próprias de inteligência, de carácter, de sociabilidade e de boa camaradagem, e de subtil compreensão da alma humana”.

O elogio propriamente dito começou assim:

“Segundo a praxe, cumpre-me proferir nesta sessão o ‘Elogio académico’ do meu ilustre antecessor na cadeira. Tentarei, porém, fazê-lo por um caminho diferente do habitual, ou seja fixando apenas alguns traços, para mim, no entanto, suficientemente característicos, da personalidade e obra científica do Doutor Ruy Ulrich.”

Reproduzo os dois exemplos referidos sobre o “contacto humano”, por ilustrarem bem a delicadeza de trato.

“Sobre umas provas de doutoramento em Ciências Político-Económicas da Faculdade de Direito de Lisboa: ‘Apenas direi que a agilidade intelectual do arguente, a sua perspicácia e a tática de envolvimento usada na maneira de conduzir a discussão me deixaram uma profunda impressão e, na circunstância, – porque não confessá-lo? – de temor.’

Coincidência bastante curiosa é a de a minha segunda impressão sobre o Doutor Ulrich ter sido igualmente colhida na Faculdade de Direito de Lisboa... E, à impressão, que já tinha, de respeito pela agilidade, precisão e clareza realçadas na controvérsia, vem agora somar-se a de admiração pelo talento, equilíbrio e método exuberantemente demonstrados como expositor.”

Depois do elogio de Ruy Ulrich, cito palavras proferidas na sessão comemorativa do 1.º centenário do nascimento de Mira Fernandes, realizada em 18/06/84 salientando a parte final, referente mais uma vez à “excepcional riqueza humana que a personalidade de Mira Fernandes a cada passo revelava, apenas referirei – por ser talvez menos conhecida, embora se me afigure, rica de simbolismo – a sua atitude perante o rude golpe que ferira o seu coração amantíssimo: a morte da Esposa, Senhora Dona Margarida.”

“Para isso, voltemos de novo ao meio de transporte que ele de preferência utilizava nas suas deslocações urbanas, o carro eléctrico, e ao percurso que fazia com frequência, pelas razões há pouco indicadas, ou seja, de Santos a Algés e vice-versa.

Sempre que atravessava a passagem de nível de Alcântara – presenciei a cena dezenas de vezes – erguia-se de súbito e, entre o olhar de espanto dos passageiros mais próximos, numa atitude de impressionante respeito perfilava-se na direcção assinalada pelos ciprestes do cemitério dos Prazeres, descobria-se, fazia um ligeiro aceno com a cabeça e nos seus olhos claros e profundos perpassava uma fugaz ponta de emoção. É que repousavam precisamente nos Prazeres os restos mortais daquela que fora em vida a sua adorada companheira e dilecta esposa.

A trajetória do nosso convívio, ao longo de um período que só pecou por ter sido tão curto, não teve senão um sentido: o do constante enriquecimento ético-moral da minha economia sentimental.”

Um terceiro exemplo, já referido, é o de Tobin, a propósito do seu doutoramento h.c. pela Nova, em Junho de 1980, da eleição para a Academia e da concessão do prémio Nobel com que foi distinguido em 1981.

“Resta-nos tocar um ponto, aliás de grande melindre sempre que se tenta esboçar o perfil de uma personalidade como a de James Tobin. Esse ponto respeita às características intelectuais...ele próprio nos dá – até neste campo – uma preciosa achega quando se autocalifica de cidadão interessado, animal político e economista profissional. De acordo com uma ‘perspectiva globalizante da realidade’, “vamos encontrar reunidos, em admirável síntese os dois sentimentos básicos que deveriam enformar o código da nossa deontologia profissional: a confiança e a humildade.”

Quarto exemplo, o diálogo com Teixeira Ribeiro na sessão de 19/11/87, que inclui a sua resposta ao recipiendário. Começa o saudoso mestre de Coimbra:

“Eleito sócio efectivo desta Academia, tenho obrigação de fazer o elogio histórico do meu antecessor. Cabe-me, portanto, fazer o elogio de Moses Bensabat Amzalak. E é com honra que cumpro a obrigação ... mas também com gosto, já que devi a Amzalak ... o favor da sua amizade durante dezenas de anos.”

Acresce que ao elogio de Moses Amzalak vai seguir-se, pela voz assinalada de António Manuel Pinto Barbosa, o discurso da recepção a mim na Academia. Outro motivo para me sentir aqui honrado e contente, pois Pinto Barbosa é figura superior de economista e amigo meu dilecto de longa data. Salienta depois a importância do Instituto de Altos Estudos, criado em 1931 por Amzalak, então presidido pelo recipiendário. No fim voltarei a essa qualidade para salientar mais uma vez a delicadeza de trato de António Manuel Pinto Barbosa.

“É Teixeira Ribeiro ... o cientista de inconfundível personalidade e o professor de rara envergadura pedagógica que, em nome da Academia, temos a honra e, se nos permitem, o maior gosto de saudar, com aquelas palavras que, apesar de habituais em sessões como a que estamos a assistir, nem por isso perderam frescura e expressividade:

Doutor Teixeira Ribeiro, hoje e sempre, seja bem-vindo a esta Casa!”

Deixando de lado as sentidas homenagens a Ferreira Dias Jr, Sedas Nunes e Gonçalves da Silva, cito sucessivamente palavras escritas em memória de Franco Nogueira e de Jorge Campinos.

“Regressados finalmente a Lisboa, Franco Nogueira da Inglaterra e eu da Suíça, mantivemos com alguma regularidade, até quase ao momento da declaração da doença que o havia de vitimar, um convívio em que participava também Antunes Varela e no qual, por mais que nos esforçássemos por nos concentrar em torno das questões internacionais mais candentes, sem esquecer *et pour cause* as respetivas incidências económicas, Franco Nogueira, com superior inteligência e saber e a sua reconhecida experiência diplomática, procurava sistematicamente encaminhar a abordagem dessas questões para o plano nacional. E aí vinha ao de cima o seu indesmentível patriotismo, que fazia parte intrínseca, não só da sua ‘ética de convicção’, mas também da sua ‘ética de responsabilidade’.

Se a força da amizade foi assim tão grande, não o foi menos a emoção com que escrevi estas linhas.

Bien que je prévois des effets favorables de cet ‘espace commun’ de convivialité je finis par me surprendre avec les résultats vraiment positifs que j’ai pu observer à ce sujet, malgré la courte durée de ce contact direct, la formation universitaire différente du Professeur Campinos et l’ambiance même que régnait alors à l’Université en général et qui n’était pas de mode à favoriser ni la transparence des attitudes ni le dialogue constructif.

Enfin, il est important de signaler, s’agissant d’une situation sur le plan formel, ma participation en 1980 au jury de l’épreuve d’Agrégation du Professeur Campinos, où j’étais l’unique membre qui ne possédait pas de formation juridique, ce qui n’allait pas sans être chargé de signification.”

Voltando ao livro de homenagem, assinei com Vítor Gaspar – outro economista e governante – o seguinte tributo.

“Aquele que todos na Faculdade conhecemos por ‘professor pai’, representa também para nós uma ligação vivida entre a economia internacional e a economia pública. Ligação porventura tradicional, visto que se encontra noutros economistas portugueses contemporâneas como Oliveira Salazar, João Lumbrales ou Teixeira Ribeiro, mas a que Pinto Barbosa soube dar conteúdo analítico. Basta citar as suas clássicas lições de macroeconomia keynesiana, o seu estudo sobre os efeitos do plano Marshall, o exemplo da sua transparente passagem pela Universidade e pelo Ministério, teimando em preservar o rigor académico fora da torre de marfim, bem como o empenho que pôs nas relações internacionais dos economistas portugueses.”

Também entrevistei na Universidade Católica Portuguesa Ana Paula Martins, coautora de “Determinantes da evasão de capitais: Alguma evidência de comparações internacionais” (separata do *Boletim de Ciências Económicas* de Coimbra), que recordou ter assistido à comunicação de 20/04/89.

Mencionarei ainda Marcelino Borges de Macedo, irmão mais novo do meu pai, licenciado em Finanças em 1951. Diz com um grande sorriso que foi o professor de que mais gostou: teve 12 em introdução à economia “quando toda a gente chumbava” e ainda se recorda da pergunta do exame oral: será que o merceeiro chega à conclusão acerca do preço do açúcar porque estudou economia?

Passando a trabalhos do Instituto de Altos Estudos, a última sessão do *Simpósio de Estudos Keynesianos* (publicada no quadro das Comemorações do nosso Segundo Centenário, conforme refere o volume de 1995, p. 122), abordou o sistema monetário internacional².

Como já disse, o autor estava ciente de que a macroeconomia de economia aberta era essencialmente diferente da tratada na *Teoria Geral do Juro, Emprego e Moeda* por causa das ligações perigosas entre défice público e défice externo.

Ainda assim, ao analisar o papel de Keynes na negociação do Acordo de Bretton Woods, conclui: “não parece de se aceitar a opinião de que, na constelação keynesiana, a estrela porventura menos brilhante e que mais rapidamente se extinguiu terá sido a que iluminou o caminho que conduziu à assinatura do Acordo de Bretton Woods.”

Demonstra como o Plano Keynes inspirou três experiências concretas (União Europeia de Pagamentos, COMECON, Direitos de Saque Especiais) e salienta que, trinta anos depois, os Estados Unidos que haviam sido dos principais opositores ao plano Keynes, apresentam ao Grupo dos Vinte, através de Paul Volcker, então o subsecretário de estado do Tesouro para os assuntos monetários internacionais, uma proposta formal incluindo “ações específicas tendentes a corrigir posições devedoras e credoras excessivas” (p. 111-3).

Quanto à conferência de Bretton Woods, reconhece que “... do registo das numerosas discussões havidas ao longo de todo este processo de negociação, não ressalta muito nítido que tenha havido grande espírito de combatividade na defesa das teses britânicas. Exceptua-se, evidentemente, Keynes. Este bem como White, cada um dentro da sua óptica e à sua maneira, pugnam, de facto, vigorosamente pelas respectivas posições, doseando diplomaticamente sentimentos de admiração e exasperação recíprocos” (p. 100-1).

Investigações ulteriores mostram a justeza dessa conclusão: no livro que Benn Steil acaba de publicar na Princeton University Press, intitulado *The Battle of Bretton Woods John Maynard Keynes, Harry Dexter White and the Making of a New World Order*, aflora essa batalha e as relações complexas não só entre os dois

² Esse tema também foi abordado por José da Silva Lopes ao passo que Pedro Soares Martinez veio contrastar economia keynesiana e planeamento, fazendo apelo à obra de John Neville Keynes. A comunicação em falta é de Paulo de Pitta e Cunha.

poderes aliados mas também entre os respectivos Ministérios das Finanças e dos Negócios Estrangeiros.

Segundo Steil, em meados de 1943: *“The Treasury was running the show on monetary reform. This was a huge bureaucratic and personal victory for White (p. 170)”*. Adiante cita uma carta a Wilfrid Eady, diplomata e funcionário do Tesouro britânico onde Keynes diz de White: *“he has not the faintest conception how to behave or observe the rules of civilized intercourse”* (p. 174). Como se sabe, a União Soviética fascinava White e este rejeitou o nome de *“International Monetary Union”* com o argumento de que o Congresso odeia a palavra União, o que levou Keynes a sugerir o nome que ficou (p. 237).

A recensão de uma revista britânica (*Brunswick Review*, Verão 2013, p. 82) conclui: *“os Estados Unidos tinham sido bafejados por uma confluência única de eventos que abriu uma janela momentânea através da qual podiam, em troca de serviços de financiamento que se haviam tornado vitais, não só acabar com as desvalorizações competitivas e proteccionismo comercial – a maldição dos anos 1930 na perspectiva da Administração – mas eliminar permanentemente os velhos poderes europeus enquanto rivais e obstáculos na cena global”*.

A publicação em 30/10/13 de um Relatório do Tesouro americano ao Congresso muito crítico da China e da Alemanha por causa dos seus excedentes de pagamentos mostra bem, 70 anos depois de Bretton Woods, que esforços de supervisão multilateral que atenuem a assimetria entre países deficitários e excedentários continuam na ordem do dia.

O relatório foi prontamente apoiado pelo FMI³ e pela Comissão Europeia⁴. Assim se irá magnificando a consciência de que a crise da Zona Euro é mais uma

³ Relato em www.bloomberg.com/.../2013.../germany-strikes-ba...: *“The International Monetary Fund joined the U.S. Treasury Department in rebuking Germany’s trade surpluses, rebuffing the claim of Chancellor Angela Merkel’s government that booming exports are a sign of economic health. As Germany bristled over a Treasury report critical of its current-account surpluses, the fund’s First Deputy Managing Director David Lipton urged Merkel’s government to reduce its export surplus to an ‘appropriate rate’ to help its euro-area partners cut deficits. The Treasury report berated Germany’s export focus during Europe’s debt crisis, saying its neglect of domestic demand has delayed ending the misery. A ‘significantly smaller current account would be useful,’ Lipton said last night at a speech at Berlin’s American Academy. Cutting excessive deficits in the euro area ‘simply can’t happen unless surpluses are down as well.”*

⁴ O Eurostat publicou em 13/11/13 um *Macroeconomic Imbalances Procedure (MIP) Scoreboard* considerado parte da regulamentação de governação económica adoptada pelo Parlamento Europeu e o Conselho em Novembro de 2011 (o chamado Six-Pack). O procedimento deverá completar-se no início de 2014, sendo que às recomendações da Comissão não podem acrescer multas.

crise da balança de pagamentos do que das dívidas soberanas: retira-se pois o mesmo da *Mundell-Fleming Lecture* de 07/11/13 e da comunicação de 04/11/77.

Junto ainda referências, elementos empíricos e implicações para a teoria das taxas de câmbio, concebida por Pentti Kouri (1949-2009) nos anos 1970 mas depois esquecida. A lista de publicações e o processo individual e contribuições correntes para a literatura estão disponíveis nos anexos.

Ao concluir, queria voltar ao Instituto de Altos Estudos, dirigido com mestria, como se comprova pela *Conferência Portugal e a Paz*, também ela publicada no quadro das já citadas Comemorações do Segundo Centenário (p. 107).

Além do notável prefácio, que situa a vocação específica do Instituto de Altos Estudos no “desenvolvimento cultural”, encontra-se no processo individual o documento #56 de 03/12/86 no qual todos os funcionários da Academia assinam o ofício do Presidente do Instituto de Altos Estudos a agradecer o desvelo com que levaram a cabo as suas funções.

Que saudades deste economista e governante que tanto se preocupava com as finanças sãs como em manter um bom ambiente humano na Academia!

Que saudades de quem nunca deixou a firmeza das convicções travestida de rudeza, conciliando paulatinamente as liberdades financeira e política dos portugueses com as suas pertenças europeia e lusófona!

Faço votos para que se generalize nesta Casa a cultura de Paz que descobri em Agosto no processo individual do meu antecessor.

Prestarei contas aos eminentíssimos confrades de mais esse legado de António Manuel Pinto Barbosa, economista e governante.

Muito obrigado.

Jorge Braga de Macedo

Senhor Presidente e Eminentíssimos Confrades,

Alguns dos presentes não-de estranhar a minha presença hoje aqui, nesta tribuna, e com toda a razão, pois o primeiro a estranhar sou eu. Aconteceu, porém, que, na impossibilidade do nosso Confrade Senhor Manuel Jacinto Nunes e, depois, também na do nosso Confrade Senhor Pitta e Cunha, ontem, já andava a tarde, o Senhor Presidente convidou-me para fazer esta saudação.

E logo várias opções se me puseram, ou vários termos de alternativa. O inicial foi pura e simplesmente recusar a honrosa incumbência, pois não poderia preparar uma saudação académica em menos de vinte e quatro horas, tendo, para mais, que preparar também ainda o encontro de hoje de manhã com os meus alunos do curso de doutoramento.

Ponderada, porém, toda a questão, acabei por aceitar o encargo, simplesmente, e sem sequer sacrificar o meu repouso nocturno, até porque, mesmo sacrificando-o, naturalmente não seria capaz de traçar uma saudação académica ponderada, reflectida e documentada. Optei pela improvisação.

E aceitei pensando que não poderia recusar a saudação, as boas vindas, a um querido Amigo e Colega cuja carreira conheço desde o seu início. E pensei igualmente em tudo quanto me liga a esta Cadeira, a Cadeira que, a partir de agora, pertence a esse mesmo Amigo, Colega e Confrade, o recipiendário desta sessão. Com efeito, esta Cadeira, tanto quanto sei, foi de Afonso Costa, a quem sucedi, através de Fernando Emídio da Silva, na regência da disciplina de Finanças, na Faculdade de Direito de Lisboa, a minha Escola, da qual Afonso Costa é apontado, justamente, como um dos fundadores, e, por certo, então também, o mais poderoso entre eles. Depois, foi esta a Cadeira de Ruy Ulrich, meu saudoso Mestre, que me iniciou nas artes, ou na ciência, da Economia Política. Era Ruy Ulrich um grande economista, por vezes incompreendido, mas que Pinto Barbosa soube compreender amplamente, conforme resulta da leitura do elogio académico que fez do seu antecessor nessa mesma Cadeira, nesta mesma Casa.

Essa Cadeira é a de Pinto Barbosa, que conheci, já lá vão tantos anos, quando ele era subsecretário de Estado e eu, acabado de prestar provas de doutoramento, estava incorporado na Comissão de Reforma Fiscal. Foi então que o conheci. Depois, estivemos juntos em variadíssimas circunstâncias – em conselhos de ministros, em provas universitárias e nesta Academia, onde

ingressámos, como correspondentes, com destino à Secção de Economia, na mesma data, no mesmo dia. Naquela altura, a vida desta Casa era largamente publicitada pelos órgãos de comunicação. E também os ingressos eram espaçados no tempo, não passando, geralmente, de dois em cada ano, o que também melhor despertava a atenção pública relativamente às actividades da Academia das Ciências de Lisboa. Então Pinto Barbosa e eu tivemos, por motivo do nosso ingresso, os nossos retratos nos jornais diários. Não apenas no Diário de Notícias, onde Augusto de Castro sempre acompanhava os assuntos da Academia, com todo o carinho e com grande relevo; nos outros também. E até ficámos bonitos nos retratos. Pinto Barbosa naquela altura já tinha pouco cabelo, eu ainda conservava uma cabeleira relativamente abundante. Desde então encontrei-me frequentemente com Pinto Barbosa e tive de apreciar o seu muito talento e o seu carácter. Em tantos anos e, naturalmente, nem sempre havendo inteira coincidência de interesses ou posições, nunca ficou, do trato com Pinto Barbosa, a menor sombra. Ficou, isso sim, uma grande saudade, uma grande admiração e um grande respeito.

Saudar o ora recipiendário, saudar Jorge Braga de Macedo, é-me muito grato. Não será esta uma saudação do recorte mais apropriado a uma saudação académica, mas é a saudação de um amigo a outro amigo, embora sem quebras acentuadas da objectividade em razão do sentimento.

Já são longos os anos, tão longos quanto a juventude de Jorge Braga de Macedo o permite, a amizade e o entendimento que nos unem. Conheci-o quando entrou para a Faculdade, mas já dele sabia bastante. Sabia, sobretudo, que trazia a preparação, do nascimento, da infância e da primeira juventude, de um ambiente de cultura e estudo que muito facilitaria o aproveitamento escolar e a extraordinária carreira percorrida. O Pai, meu colega na Universidade, era homem de muita inteligência e cultura, mesmo talentoso.

E Jorge Braga de Macedo, depois de um curso brilhante, começou na minha companhia as suas tarefas de docência. E que encanto, que admiração, me mereceram sempre aquelas suas aulas práticas da disciplina de Economia Política, que eu seguia com toda a atenção, apenas, às vezes, receando que, pelo alto nível da exposição, nem sempre os alunos pudessem apreender o que Braga de Macedo transmitia. E aquele encanto prolongava-se depois, através das trocas de impressões que mantinha com ele, às vezes ao tempo da hora do almoço,

quando nos alongávamos nas conversas sobre as aulas que Braga de Macedo tinha dado.

Aquele encanto não se dissipou, permaneceu. Inclusivamente ao escutar hoje o elogio académico de Pinto Barbosa, através da oração anterior. Realmente, fica-me a ideia consoladora de que essa Cadeira, à qual me sinto também ligado, pelo afecto e pelo amor a esta Casa, essa Cadeira, Senhor Presidente e Eminentes Académicos, fica muito bem entregue, nas mãos do nosso Confrade Senhor Jorge Braga de Macedo.

Muito obrigado.

Pedro Soares Martínez

(ELOGIO HISTÓRICO E SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDOS NA
SESSÃO CONJUNTA DAS CLASSES DE CIÊNCIAS E LETRAS
NO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 2013)

Professor Pinto Barbosa

1. Não fui aluno em Economia do Prof. Pinto Barbosa mas assisti às suas aulas no 1.º ano em que regeu Economia. Como se sabe, deve-se a Pinto Barbosa a renovação desta disciplina: de uma Economia literária passou-se a uma Economia em termos de ombrear com os parâmetros vigentes nos Estados Unidos, Inglaterra, etc.

Depois de terminar o meu curso acumulava o lugar de assistente de Estatística com o de técnico económico da Comissão de Coordenação Económica. Em 1948 Pinto Barbosa é nomeado Director do Gabinete de Estudos onde eu trabalhava. Nasceu daí uma amizade que durou até ao seu falecimento. As nossas relações de 1948 até 1974 eram mesmo de grande intimidade. Participámos juntos, em Paris, nos trabalhos do Plano Marshall – Pinto Barbosa apreciava o meu trabalho e a minha lealdade.

Quando foi nomeado Subsecretário do Tesouro designou-me a mim e a Teixeira Pinto para reger as cadeiras na Universidade que lhe estavam atribuídas. Mais tarde, em 1955, quando foi nomeado Ministro das Finanças, convidou-me para colaborar com ele, precisamente como Subsecretário do Tesouro.

Quando para me preparar para o concurso para professor extraordinário saí do Governo em 1959. Com o seu apadrinhamento fui nomeado no ano seguinte vice-governador do Banco de Portugal, continuando, naturalmente, a colaborar com o Ministro que em 1966 é nomeado para Governador do Banco, lugar que estava vago desde a aposentação do Dr. Rafael Duque. A nossa relação intensificou-se nos oito anos que estivemos juntos no Banco.

Com o 25 de Abril somos demitidos em 29 de Maio de 1974, mas no dia seguinte o Prof. Palma Carlos, 1.º Ministro, telefona-me e diz-me de forma imperativa que tinha que voltar ao Banco dada a situação perturbadora que se verificava no Banco. No período seguinte e enquanto não deram a demissão ao Governador, eu ia ao Banco, todos os dias em que tinha algum tempo, dar-lhe conta dos acontecimentos mais importantes. Outras vezes ia almoçar a sua casa, perto do Palácio de Belém onde eu trabalhava. Viremos a página sobre esse período.

Em Basileia, nas reuniões do Banco Internacional de Pagamentos, em que eu participava, perguntavam-me por ele e tive ocasião de frisar que não era uma

situação agradável. O Director Geral do Banco escreve a Pinto Barbosa convidando-o para consultor do Banco onde esteve de 1975 a 1978. Antes de eu sair do Banco de Portugal ainda tive a oportunidade de almoçar com ele em Basileia na última reunião em que participei.

2. Pinto Barbosa teve sempre um grande amor à sua Escola. Quando saiu do Ministério regressou à docência na cadeira de Política Económica, com a experiência acrescida pelo seu *curriculum*.

Igualmente quando volta de Basileia regressa ao ensino pedindo a sua transferência para a Faculdade de Economia da Universidade Nova, onde é recebido com grande agrado, pois era um valor importante que ia enriquecer a Faculdade. Foi Presidente do Conselho Científico.

Deu também aulas no Instituto de Altos Estudos Militares.

Além da sua carreira pedagógica e dos importantes cargos políticos que exerceu, Pinto Barbosa foi um académico ilustre. Cedo entrou para a Academia das Ciências de Lisboa ocupando um lugar na Secção de Economia da Classe de Letras. Em 1976 é eleito sócio efectivo.

Na Academia foi nomeado Presidente no Instituto de Altos Estudos em 1986, onde exerceu uma acção notável, organizando seminários que deram lugar a publicações de grande interesse. Cito apenas uma sobre a Paz onde colaboraram individualidades das mais qualificadas do mundo civil e militar.

A Ordem dos Economistas reconheceu-o como o decano dos economistas ao atribuir pela 1.^a vez o título de Sócio de Honra.

3.

- no ensino da Economia, como autor da sua renovação e na sua dedicação atestada pelo seu regresso quando sai do Ministério das Finanças ou na Universidade Nova quando volta de Basileia;
- na Academia onde gozava do respeito geral e também pela sua acção na presidência dos Altos Estudos, tinha um lugar especial;
- no domínio público onde permaneceu quinze anos no Governo, nos quais dez como Ministro das Finanças, lugar que exerceu de forma brilhante e no Banco de Portugal na forma como desempenhou as suas funções;

Em todos estes campos a sua acção foi exercida de uma forma notável, o que fez dele uma figura eminente na 2.^a metade do século XX.

Lisboa, 25 de Novembro de 2013

Manuel Jacinto Nunes

COMPLEMENTOS**A. Notoriedade com delicadeza de trato**

ANTÓNIO MANUEL PINTO BARBOSA
CLASSE DE LETRAS

Académico correspondente eleito em 13/02/69

Académico efectivo eleito em 26/02/76

Presidente do Instituto de Altos Estudos (IAE) eleito em 11/04/85

6.^{as} secção Ciências Económicas e Financeiras

Sucedeu a Ruy Ennes Ulrich cadeira n.º 18L⁶

Faleceu 05/03/06

NOVA ECONOMIA EM PORTUGAL (Estudos em homenagem a António Manuel Pinto Barbosa) Organização de Alfredo de Sousa, Francisco Pereira de Moura, Jaime Reis, Jorge Braga de Macedo, José Joaquim Teixeira Ribeiro, Luis Miguel Beleza, Manuel Jacinto Nunes, Vítor Constâncio, Lisboa: Serviços Gráficos da Universidade Nova de Lisboa, 1989, 730 pags (NOVA).

⁵ No PACL vem 3.^ª.

⁶ No PACL vem 38.

Reúnem-se neste volume trinta e cinco ensaios de economia, que quarenta e três autores dedicam ao Professor Doutor António Manuel Pinto Barbosa.

A jubilação pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa foi um pretexto: há muito que colegas e amigos vinham pensando na melhor forma de mostrar ao amigo e mestre a profunda gratidão pelo serviço que prestou ao ensino e à investigação da economia em Portugal.

A Comissão responsável pela edição deste volume pretendeu, sem ilusões de jamais o conseguir, retratar as múltiplas facetas do interesse do homenageado, da economia portuguesa ao método, da fiscalidade aos bancos, da economia pública à economia internacional, doseando sempre com habilidade as abordagens analíticas e históricas.

Talvez possa dizer-se que terá conseguido dar à economia keynesiana, tão querida do homenageado, o tributo merecido. Menos não se esperaria, na verdade, do Professor James Tobin, Prémio Nobel da Economia, em 1983, cujo doutoramento *honoris causa* pela Universidade Nova de Lisboa o homenageado patrocinara no ano anterior. Do mesmo modo, a contribuição de um amigo de sempre, o Professor Robert Mundell, em matéria tão cara ao homenageado como o funcionamento do sistema bancário monetário internacional, não podia deixar de ser sublinhada. De resto, a plêiade de colegas e amigos das várias escolas e disciplinas fala por si.

B. Testemunhos adicionais

Ruy Ulrich

Citação

Segundo a praxe, cumpre-me proferir nesta sessão o “Elogio académico” do meu ilustre antecessor na cadeira. Tentarei, porém, fazê-lo por um caminho diferente do habitual, ou seja fixando apenas alguns traços, para mim, no entanto, suficientemente característicos, da personalidade e obra científica do Doutor Ruy Ulrich. Começemos pela via do contacto humano.

1. Provas de doutoramento em Ciências Político-Económicas da Faculdade de Direito de Lisboa: “Apenas direi que a agilidade intelectual do arguente, a sua perspicácia e a tática de envolvimento usada na maneira de conduzir a discussão me deixaram uma profunda impressão e, na circunstância, – porque não confessá-lo? – de temor.”

Coincidência bastante curiosa é a de a minha segunda impressão sobre o Doutor Ulrich ter sido igualmente colhida na Faculdade de Direito de Lisboa...E, à impressão, que já tinha, de respeito pela agilidade, precisão e clareza realçadas na controvérsia, vem agora somar-se a de admiração pelo talento, equilíbrio e método exuberantemente demonstrados como expositor.”

2. ...proponho-me agora falar dos aspectos, a meus olhos, mais relevantes, da obra científica do Doutor Ulrich.

Do seu “copioso rol de trabalhos” apenas retenho, para o efeito, três deles: – primeiro a dissertação de doutoramento, intitulada “Da bolsa e suas operações” (1906);

– o segundo tem por título “Teoria Económica das Reservas Bancárias” (1814);

– o terceiro e último trabalho a que me referirei respeita ao curso de Economia Política

3...é tempo de passar a aludir a algumas funções que ele, com elevado aprumo e incontroverso saber, desempenhou na vida pública e na gestão de importantes empreendimentos portugueses.

4. ...quando tudo o mais se pode desmoronar e esvair da memória com o rolar dos anos e enquanto a capacidade humana de admirar não tiver desaparecido, essa obra permanecerá como expoente daquele que foi, incontestavelmente, um dos mais altos valores do seu tempo.

2. Mira Fernandes

Notas soltas

1984 Discurso Matemático; Bodas de Prata dos engenheiros diplomados pelo IST 1924 eramos outros / julgamos um?; Passos Manuel 1933; Memórias; Magnetismo pessoal; Gravata Branca; Bento Caraça; Merceologia (pautas) Matemática Económica; Diferença entre quem produz e utiliza alfaias

“Aos que como eu tentavam descobrir a sua estrada de Damasco”

1) Keynes IAE Contabilidade nacional

2) Econometria + Cowles Commission

3) Perroux ISEA / ISEMA Pré-topológica

4) Teoria dos Jogos ultrapassa Walras Conflito; Lutas – concursos / conflitos – cooperação Diogo Pacheco de Amorim – Matemática e Economia Política

contacto sem “Pontos próprios” Henry Schultz “Economia com Matemática mas não como Matemática”, Economista não frio;

Citação

Porém, para o modo de ver as coisas que no geral não se esgota na visão unilateral, falta, neste particular, acrescentar o seguinte: a dita reabilitação do quantitativo na Economia dependia e depende também e necessariamente da maneira fira, precisa e concisa por que o economista formulava as verdadeiras questões pertinentes ao seu foro. E isso, impõe-se reconhecê-lo, nem sempre terá acontecido. O seu a seu dono. (...reproduzido no elogio acima)

Não teria tempo suficiente nos escassos minutos de que disponho para aflo-
rar sequer as fases mais salientes desse enriquecimento, mas, mesmo que o
tivesse, não saberia encontrar, por certo, as palavras que pudessem descrevê-las
com inteira fidelidade. Tentando, apesar disso, sintetizar numa simples frase o
que foi toda a evolução desse processo complexo, diria que nos tornámos amigos
e amigos eram, no seu próprio dizer, aqueles que nos prezam e nos respeitam.
Fiel a esta acepção, praticou irrepreensível e devotadamente o difícil culto da
amizade, isto é, soube não só ser amigo, como ter amigos.

E por aqui me quedo, neste magro depoimento sobre a nobre figura de Mira
Fernandes, na tríplice perspectiva do Professor, do Colega e do Amigo. Porém,
dentro das paredes desta Casa faltaria ainda dizer – e serão as minhas derradei-
ras palavras – que, se Mira Fernandes, por merecimentos e obra científica foi e é
da Academia e da Classe de Ciências, pela lição maravilhosamente humana da
sua vida, bem merece ser património cultural de todos nós, portugueses.

Ferreira Dias

Citação

om formações académicas diferentes e equações pessoais também pouco coin-
cidentes, mas com o objectivo comum, conscientemente assumido, de procurar-
mos ser úteis ao País...foi possível não só manter, em todas as circunstâncias,
uma atitude de insuperável respeito mútuo, como reforçar os laços de amizade
e de particular estima. E os cargos que exercemos durante este período não são,
por via de regra, propícios a que se gerem facilmente atitudes e sentimentos desta
natureza. (p. 176)

Sedas Nunes**Citação**

Se, no plano ideológico, entre o prof. Sedas Nunes e nós a unidade nem sempre acontecia, nem era naturalmente procurada, já o mesmo não sucedia no que respeitava às técnicas de investigação social – seus objectivos, limitações e possibilidades. Assim, não surpreenderá que durante a carreira universitária do Prof. Sedas Nunes, acrescida, a partir de certa altura, de especiais responsabilidades em matéria de investigação social, tivessem surgido dificuldades e situações delicadas, perante as quais dificilmente poderíamos ter ficado indiferentes. O que nos proporcionou ensino de melhor podermos apreciar não só a independência dos seus juízos, como a coerência das atitudes e a invulgar rapidez com que dava andamento aos assuntos que lhe eram colocados. Nos três momentos em que pretendemos fixar a evolução do nosso relacionamento – aluno, colega universitário e amigo – importa salientar: quanto ao primeiro, a curiosidade intelectual e o declarado pendor para “o social”; quanto ao segundo, a fidelidade aos valores da universidade – rigor, credibilidade e coerência; quanto ao terceiro, graças à mecânica dos sentimentos, cujas leis continuamos a ignorar, simplesmente, que nos unia a verdade da amizade.

Gonçalves da Silva**Citação**

ão deverá, portanto, estranhar-se que, em resultado deste intenso convívio como colegas, se tivessem criado condições favoráveis à arte singular da amizade, à qual a mudança do regime político em 74 só viria dar, se é possível, ainda mais forte consolidação. A via epistolar durante o nosso exílio voluntário no estrangeiro passou a alimentar essa corrente afectiva que só veio a ser interrompida no dia em que Gonçalves da Silva desapareceu do mundo dos vivos. Fora do apostolado universitário, perscrutamos duas grandes inclinações do seu espírito culto: o acrisolado amor que nutria por tudo quanto respeitasse a Tomar, sua terra natal, e a grande atração que sobre ele exerciam as viagens que, como simples turista, procurava realizar, sempre que as circunstâncias o permitiam, e das quais nos dava sugestivos relatos orais ou escritos, aqui e além completados com notas pitorescas, pois Gonçalves da Silva possuía também fino sentido de humor.

Para além de uma serena lucidez e de uma lealdade sem mácula, era possuidor da rara capacidade de juntar à sua volta grandes e sinceras dedicações, das quais a publicação do presente volume de homenagem constitui expressivo exemplo.

Em suma: poder-se-á dizer, depurando a nossa saudade, que a presença de Gonçalves da Silva em nossas vidas, como Colega e como Amigo, foi um privilégio.

Cristina Corado e Jorge Braga de Macedo (Competitiveness under Liberalization cum Stabilization Packages: the Experience of Portugal 1977-1985, NOVA, p. 541 nota) (This paper) is dedicated to António Manuel Pinto Barbosa, who, in academia as well as in government, influenced post-war trade, fiscal and monetary policies in Portugal. Some of the results reported here draw on a term paper for the course in economic development at Nova; we thus try and follow the lifelong attempt of the “Father Professor” at bringing together teaching and research.

António Soares Pinto Barbosa, email de 09/09/13 de resposta a algumas perguntas: “O meu Pai foi para Bale, para aí permanecer de forma continuada, no dia 15 de Outubro de 1975; Regressou a Lisboa, de forma permanente, no dia 20 de Setembro de 1978; No dia 7 de Novembro de 1978 o meu Pai recebeu, por via do meu irmão Manuel, a informação de que havia sido despachada a sua transferência para a UNL; O George Woods morreu no dia 20 de Agosto de 1982, na sua residência em Caxias. A seu pedido, não houve cerimónias fúnebres nem funeral, tendo sido cremado. As suas cinzas terão sido lançadas em NY, de helicóptero, sobre a Wall Street”.

Manuel Jacinto Nunes, antigo presidente da ACL, decano da secção de economia, entrevistado em sua casa a 30/08/13 sobre idas a Basileia enquanto governador do Banco de Portugal (acompanhado dos administradores Rui Machete e Nogueira de Brito) e contactos com o Secretário Geral do Banco de Pagamentos Internacionais. Ausente na sessão de 14/11 enviou o testemunho reproduzido acima.

Anexo 1: Trabalhos consultados e mais referências

A. 22 trabalhos constantes do Processo individual (PACL) e consultados na Biblioteca (BACL) bem como através da Biblioteca Almada Negreiros da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa (BAN), com referência à bibliografia em António Manuel Pinto Barbosa uma biografia económica, por João César das Neves e Francisco Azevedo e Silva, Lisboa: Verbo 1999, pp. 229-42 (BIO, lista completa em B).

1. A tarefa do Ministério das Finanças, 1955 (BACL, **BIO**)
2. Portuguese Economic Development in the presence of the Pos-War Foreign Policies the US, in North American and Western European Economic Policies, Proceedings of a Conference held by the International Economic Association at Alvor, Portugal edited by Charles Kindleberger and Andrew Shonfield, Londres: Macmillan, 1971 (versão portuguesa do Gabinete de Estudos Económicos do ISCEF, 1969 (BACL, **BIO**))
3. Razão de uma escolha, separata de Análise Económica, n.º 18, 1970 (BACL, **BIO 22**)
4. O Banco de Portugal nos primeiros 25 anos do Pós Guerra e a sua missão numa perspectiva de desenvolvimento, Lisboa, 1971 (BACL, **BIO**)
5. O Acordo Smithsonian Problemas e realidades, M16L, 1975 (BACL, **BIO**)
6. Keynes e o Acordo de Bretton Woods, 1977 in Simpósio de Estudos Keynesianos, Instituto de Altos Estudos Colectânea II, Lisboa: ACL, 1981, pp. 93-116 (BACL, **BIO**)
7. Carta de Elogio do Académico António Manuel Pinto Barbosa por Moses Bensabat Amzalak 23/03/78 (PACL)
8. Elogio Académico de Ruy Ennes Ulrich Memórias da Classe de Letras da ACL volume XX (M20L), 1978 (BACL, **BIO**)
9. O FMI e a Estrutura da Influência Monetária Internacional, Estudos em Homenagem a José Joaquim Teixeira Ribeiro separata do Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, 1980 (BAN, **BIO** Basileia 1978)
10. Palavras proferidas pelo Académico António Manuel Pinto Barbosa na sessão comemorativa do 1.º centenário do nascimento de Mira Fernandes, realizada em 18 de Junho de 1984 (PACL)

11. Algumas notas acerca da personalidade e obra científica do Prof James Tobin, separata do Boletim de Ciências Económicas da Universidade de Coimbra, vol XXIV, 1981 (BAN, **BIO**)

12. Problemas Monetários Internacionais da Actualidade: I A 2.^a emenda ao acordo do Fundo Monetário Internacional II Sistema Monetário Europeu (sessão de 31/01/80) III Reciclagem de excedentes financeiros da OPEP (sessão de 12/03/81) IV A hipótese de expectativas Racionais (REH) e a experiência histórica da hiper inflação (03/03/83), M23L, 1983 (BACL, **BIO**)

13. O lado menos visível do Plano Marshall, M25L, 1986 (**BIO**)

14. Elogio Histórico de Moses Bensabat Amzalak e resposta do Académico António Manuel Pinto Barbosa ao Académico José Joaquim Teixeira Ribeiro, M26L, 1987 (**BIO**)

15. Determinantes da evasão de capitais: Alguma evidência de comparações internacionais, separata do Boletim de Ciências Económicas da Universidade de Coimbra, vol XXXII, 1989, também Problemas Monetários Internacionais da Actualidade V M28L (BACL, **BIO**) e resumo (PACL)

16. Ferreira Dias: Uma Pedagogia Estruturante do Industrialismo em Portugal, In Memoriam J.N. Ferreira Dias Jr. Lisboa, 1991, pp. 173-5 (BAN, **BIO**)

17. Transformações sistémicas. Princípios e problemas, M30L, 1992 (**BIO**)

18. Dois simples traços da relevante personalidade do Prof. Sedas Nunes, *Análise Social*, 1993 (BAN, **BIO**)

19. Três momentos de uma personalidade ímpar, Embaixador Franco Nogueira [1913-1993] Textos Evocativos, organização e prefácio de Teresa de Melo Ribeiro, Manuel Vieira da Cruz e Gonçalo de Sampaio e Melo, Porto: Civilização Editora, 1994, pp. 113-5 (BAN, **BIO**)

20. Simple note sur une rencontre brève mais qui a valu la peine, *Mélanges offerts à Jorge Campinos*, Publications de la Faculté de Droit et des Sciences Politiques de Poitiers, Presses Universitaires de France, 1994, pp. 435-7 (BAN, **BIO**)

21. Gonçalves da Silva: O Colega e o Amigo, Estudos em homenagem a F.V. Gonçalves da Silva, organização de Caetano Léglise da Cruz Vidal, Francisco José Monteiro Pais, Manuel Duarte Pereira e Rogério Fernandes Ferreira, Lisboa: ISEG, 1994, pp. 55-7 (BAN, **BIO**)

22. Mosaico de reflexões de responsáveis de bancos centrais, tendentes a inculcar tópicos de uma cultura económica, própria do banco central, no contexto

actual de mundialização da economia e globalização dos mercados, Ensaio de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes, Lisboa: ISEG, 1996, pp. 389-404 (BAN, BIO)

B. Referências em BIO, pp 263-5 (conferidas com listas de 1969 e 1977 constantes do PACL e a publicada em NOVA; as rubricas incluídas na lista acima vêm a negrito)

1. A Economia de Guerra Total. Sistemas e crítica, Revista de Contabilidade e Comércio n.º 29, 1940 (**consta de BIO não de NOVA**)
2. Sobre a Indústria das Conservas em Portugal, tese de doutoramento, 1941
3. A economia do ponto de vista positivo e do ponto de vista teleológico, Anais do ISCEF, vol XI, 1943
4. O Prof. Augusto Ferreira Costa Júnior, Anais do ISCEF, vol XII, 1944
5. A Economia do Café, Lisboa, 1945
6. Gustav Cassel algumas palavras sobre a sua obra científica, Anais do ISCEF, vol XIII, 1945
7. Elementos para o estudo da estrutura do comércio externo português, Revista do Centro de Estudos Económicos, n.º 4, 1946
8. Princípios de Teoria Económica de H. von Stackelberg, nota crítica, Anais do ISCEF, vol XV, 1947 (republicado em 27)
9. Teoria Monetária: velocidade de circulação, Indústria Portuguesa, n.º 241, 1948)
10. Nota crítica sobre La Valeur et les Prix de Gaetan Pirou (republicado em 27)
11. A Dimensão de Empresa, Lição proferida no I Curso de Sociologia Cristã, 1948 (Resumo)
12. Nota crítica sobre Readings in Economics de Adams and Traywick (republicado em 27)
13. Crise das exportações metropolitanas para o estrangeiro (c/ Teixeira Ribeiro), 1950
14. **A tarefa do Ministro das Finanças, 1955 (BACL)**
15. O Banco de Fomento Nacional – factor basilar do desenvolvimento da economia portuguesa, 1959
16. A defesa da estabilidade financeira, 1962

17. Crédito externo, 1962 (**consta de NOVA não de BIO**)
18. A fase actual das finanças portuguesas, Madrid, 1964
19. A desvalorização de 1949 e comércio externo português, 1966
20. Projecto de Parecer da Câmara Corporativa sobre a proposta de lei de Meios para 1969, 1968
21. **Portuguese Economic Development in the presence of the Pos-War Foreign Policies the US, in North American and Western European Economic Policies, Proceedings of a Conference held by the International Economic Association at Alvor, Portugal edited by Charles Kindleberger and Andrew Shonfield, Londres: Macmillan, 1971 (versão portuguesa do Gabinete de Estudos Económicos do ISCEF, 1969 (BACL)**
22. Algumas incidências nacionais da política monetária internacional, Évora, 1970 (BIO 21)
23. **Razão de uma escolha, Lisboa, 1970 (BACL)**
24. **O Banco de Portugal nos primeiros 25 anos do Pós Guerra e a sua missão numa perspectiva de desenvolvimento, Lisboa, 1971 (BACL)**
25. **Acordo Smithsoniano Problemas e realidades, Lisboa Memórias da ACL 1972 (M16 BACL)**
26. La réforme du système monétaire international et ses vicissitudes, Liège, 1973 (Revue de la Société d'études et Expansion, Nov/Dez)
27. Alguns aspectos da política monetária e cambial metropolitana em 1973, Lisboa, 1974
28. Nótulas pedagógicas, Lisboa, 1974
29. **Keynes e o Acordo de Bretton Woods, 1977 in Simpósio de Estudos Keynesianos, Instituto de Altos Estudos Colectânea II, Lisboa: ACL, 1981, pp. 93-116 (BACL)**
30. **Elogio Académico de Ruy Ennes Ulrich Memórias da ACL vol 20, 1978**
31. **O FMI e a Estrutura da Influência Monetária Internacional, Estudos em Homenagem a José Joaquim Teixeira Ribeiro separata do Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, 1980 (Basileia 1978 BAN)**
32. Ajustamento e Financiamento, intervenção na conferência sobre energia, 1980
33. **Algumas notas acerca da personalidade e obra científica do Prof James Tobin, separata do Boletim de Ciências Económicas da Universidade de Coimbra, vol XXIV, 1981 (BACL)**

34. Problemas Monetários Internacionais da Actualidade: I A 2.^a emenda ao acordo do Fundo Monetário Internacional II Sistema Monetário Europeu III Reciclagem de excedentes financeiros da OPEP IV A hipótese de expectativas Racionais (REH) e a experiência histórica da hiper inflação, M23L, 1983 (BACL)

35. A reabilitação do quantitativo na economia, 1984

36. O lado menos visível do Plano Marshall ML25, 1986 (BACL)

37. Resposta do Académico António Manuel Pinto Barbosa ao Académico José Joaquim Teixeira Ribeiro, M26L, 1987 (BACL última referência em NOVA)

38. Determinantes da evasão de capitais: Alguma evidência de comparações internacionais, separata do Boletim de Ciências Económicas da Universidade de Coimbra, vol XXXII, 1989, também Problemas Monetários Internacionais da Actualidade V M28L (BACL)

39. Alguns traços da estrutura actual da economia internacional, 1989

40. Sistema financeiro português. Anos 60 e 90, Porto, 1990

41. Aspectos da internacionalização da economia portuguesa nos anos 60, 1990

42. Ferreira Dias: Uma Pedagogia Estruturante do Industrialismo em Portugal, In Memoriam J.N. Ferreira Dias Jr., Lisboa, 1991, pp. 173-5 (BAN)

43. O 1.^o ano da unificação alemã, uma lição económica, 1991

44. O papel da gestão na transformação dos sistemas económicos, 1991

45. Plano Marshall e Internacionalização da Economia Portuguesa, 1993

46. Aspectos da transformação sistémica em algumas economias do leste europeu, 1993

47. Transformações sistémicas. Princípios e problemas, M30L 1992 (BACL)

48. Dois simples traços da relevante personalidade do Prof. Sedas Nunes, Análise Social, 1993 (BAN)

49. Três momentos de uma personalidade ímpar, Embaixador Franco Nogueira [1913-1993] Textos Evocativos, organização e prefácio de Teresa de Melo Ribeiro, Manuel Vieira da Cruz e Gonçalo de Sampaio e Melo, Porto: Civilização Editora, 1994, pp. 113-5 (BAN)

50. Simple note sur une rencontre brève mais qui a valu la peine, Mélanges offerts à Jorge Campinos, Publications de la Faculté de Droit et des Sciences Politiques de Poitiers, Presses Universitaires de France, 1994, pp. 435-7 (BAN)

51. Gonçalves da Silva: O Colega e o Amigo, Estudos em homenagem a F.V. Gonçalves da Silva, organização de Caetano Léglise da Cruz Vidal, Francisco José Monteiro Pais, Manuel Duarte Pereira e Rogério Fernandes Ferreira, Lisboa: ISEG, 1994, pp. 55-7

52. Mosaico de reflexões de responsáveis de bancos centrais, tendentes a inculcar tópicos de uma cultura económica, própria do banco central, no contexto actual de mundialização da economia e globalização dos mercados, Ensaio de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes, Lisboa: ISEG, 1996, pp. 389-404 (BAN)

Anexo 2: Processo individual (PACL)

1. Boletim de inscrição:

Eleição 13/2/69

Diploma 5/5/69

Filiação: Mariana Vieira Pinto e Manuel Maria Barbosa Júnior

Nascimento: 31 Julho⁷ 1917

Grande oficial da Ordem Militar de Cristo

Grã Cruz da Ordem Militar de Cristo

Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique

Grã Cruz de Isabel a Católica (Espanha)

Doutor em Ciências Económicas e Financeiras (4 secções: Aduaneira, Diplomática e Consular, Finanças e Administração Comercial)

2. Cargos:

Professor Catedrático Grupo Ciências Económicas no ISCEF, regeu Economia no IST

Vogal tribunal técnico aduaneiro

Presidente da Comissão Reorganizadora da Indústria de Conservas Nacionais e dos Derivados de Frutas e Produtos Hortícolas

⁷ Por coincidência dia da morte de José de Macedo (pai da testemunha 14) em 1948 e do nascimento Jorge de la Barre em 1965, seu bisneto.

Membro do Centro Estudos Económicos do Instituto Nacional de Estatística e Presidente do respectivo Conselho Geral

Vogal da Secção de Estudos Económicos da Associação Industrial Portuguesa

Presidente do Conselho Técnico Corporativo (Ministério da Economia)

Presidente da Comissão Central de Inquéritos e de Estudo sobre Eficiência dos Serviços Públicos

Delegado de Portugal nos trabalhos da OECE para liberalização das trocas

Representante do Ministro da Economia na Comissão Regional Entrepósito do Porto de Lisboa Zona Franca

1950 Sub Secretário de Estado do Tesouro

1955 Ministro das Finanças 11 anos

Governador do Banco de Portugal

3. Membro:

American Economic Association,

Institut International des Finances Publiques,

Econometric Society

4. Actividade académica registada no PAEL:

– 12/03/69 responde ao Secretário Geral Braga Paixão declarando-se feliz e preenche o boletim inscrição (doc #3)

– 02/11/1972 comunica que faltou à sessão por causa de Secção Política Monetária do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos (CMAE)

– 25/01/73 id.

– 07/11/74 Telegrama comunica que faltou à sessão 20/10/74 arquivado falta

– Cartão GEE / ISCEF comunica que está em serviço oficial da Universidade e por isso falta em 05/11/74

– Cartão s/ data GEE / ISCEF comunica que está em serviço oficial da Universidade e por isso falta em 13/11/74

– Cartão GEE / ISCEF comunica que está em serviço oficial da Universidade e por isso falta ao “plenário de 4”

– 9/7/75 entrega pelo Secretário geral do Vol XVI das *Memórias* (rubrica 5 acima)

– Parecer manuscrito de 26/2/76 destinado a preencher duas vagas de efetivo na secção (Ruy Ulrich e Fernando Emygdio da Silva) propondo António

Manuel Pinto Barbosa e Manuel Jacinto Nunes; refere-se a passagem do primeiro pelo Banco de Pagamentos Internacionais e os seus trabalhos sobre Sistemas Monetários Internacionais.

– Comunicação do parecer pelo Vice-Secretário Geral em exercício 11/03/76 (doc #15) Amzalak informou da passagem a efectivo, responde presidente 4/3/76 (à mão: "...manifestar...quanto me desvanece mais esta imerecida distinção de Vossa Excelência"); SG Alberto Iria (à máquina: "é profundamente desvanecido que venho agradecer as cordiais felicitações")

– 15/07/77 Morte da Mãe Pesar responde 26/07/77 referindo "grande desgosto que tão profundamente me atingiu"

– Cadeira n.º 38 Ruy Ulrich (4 pags)

– Universidade de Coimbra e Universidade de Lisboa

– Director da Faculdade Direito

– Embaixador no Reino Unido

– Foto (em envelope doc #4)

– 17/08/79 ofício enviado por Presidente Luiz Maria da Câmara Pina a saber se quer concorrer ao prémio da Gulbenkian (doc. #22)

– 12/09/79 visita do Presidente da *Accademia Nazionale dei Lincei* (doc. #23)

– Cartão UNL 23/04/80 a Padre Mário Martins justificando falta

– Cartão UNL 18/05/80 a Presidente delegando voto durante ausência

– Acta da Comunicação sobre Problemas Monetários Internacionais da *Actualidade*: comentaram Paulo de Pitta e Cunha, Armando Gonçalves Pereira, Pedro Soares Martinez e Manuel Jacinto Nunes (referência ao country risk doc # 26 s/ data)

– Mar 81 OPEP imprensa

– Secretário Geral José Hermano Saraiva carta 19/01/82

– 03/03/83 Separatas de *Problemas Monetários Internacionais da Actualidade* 100 além de 50 Barbosa Xavier, Braga Demoraram muito não foram emendas Separatas chegam a 16/11/83 s/ índice Tomo XX III *Memórias*

– Ausência 04/06/84 – Estrangeiro

– Ausência 26/06/84 – Obrigações universitárias

– Homenagem Mira Fernandes 02/05/84 no Centenário do seu nascimento

ACL

– 18/06/84 (doc # 42)

- 11/04/85 carta de Secretário Geral José Hermano Saraiva informando que foi nomeado presidente do IAE 02/05/85 (doc #39)
- Ausente 5/7/85 (sessão de 11)
- carta a Secretário Geral Alberto Iria
- 13/03/85 comunicação nos jornais
- Carta Vasconcelos Marques 02/07/86
- Comunicação 13/03 em 27/11
- Presidente do IAE felicita funcionários 21/11/86 **Conferência sobre Portugal e a Paz** 08/04/87 Carta Pinto Peixoto Brasil
- Carlo Burdet 22/07 resposta 27/07/87 Itália
- Carta de Secretário Geral Alberto Iria 06/08/87 Amzalak elogiará Teixeira Ribeiro 19/11/87, AMPB será recipiendário.
- **Lista Processo Académico (59 rúbricas, reproduzida a seguir)**
- Hiperinflação na literatura MJN DN 04/02/88 cita comunicação de AMPB à ACL
- Lista de convites para (13/04) 20/04/89
- 26/06/89 serviço na Faculdade
- 16/10/89 serviço na Faculdade
- 24/10/91 Lista de 9 convidados (incl. Rui Martins dos Santos) para sessão de 14/11/91 sobre 1.º ano da unificação alemã: uma leitura económica
- 3/11/92 Homenagem Universidade do Porto
- Cartões
- Justino Mendes de Almeida correspondência
- Perestroika João Patrício *Correio da Manhã* 16/05/93 cita Plano Marshall
- 23/4/99 Homenagem Ministério das Finanças carta e fax de Presidente José Vitorino Pina Martins
- Morre 2006 88 anos notícias *Público*, etc.

Processo Académico 21/10/68-06/08/87

N.º de Ordem	Classificação	N.º do Documento	Resumo
1	Carta		Parecer manuscrito datado de 23-2-1946 ⁸ .
2	Parecer		Parecer sobre a admissão do Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa para sócio correspondente da Academia das Ciências.
3	Ofício		Ofício datado de 26 de Fevereiro de 1969 comunicando ter sido dito por unanimidade académico correspondente o Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa.
4	Carta		Carta dirigida ao Sr. Secretário-Geral comunicando o meio do impresso devidamente preenchido e de uma fotografia.
5	Impresso		Impresso – Diploma de académico corresp.
6	Ofício		Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa comunicando o envio do diploma de académico correspondente.
7	Telegrama		Telegrama pedindo relevação de falta.
8	Cartão		Carta comunicando a impossibilidade de assistir a uma reunião académica em virtude de ter de assistir à mesma hora a uma sessão da Secção de Política Monetária do Conselho de Ministros.
9	Cartão		Cartão dirigido ao Sr. Presidente comunicando a impossibilidade de comparecer a uma reunião da classe de Letras em virtude de ter de assistir a uma reunião do Conselho de Ministros para Assuntos Económicos (Secção de Política Monetária).
10	Cartão		Cartão informando a impossibilidade de assistir à sessão plenária marcada para o dia 7 de Nov. de 1974.
11	Cartão		Cartão comunicando a impossibilidade de comparência às sessões da Academia devido ao serviço oficial a ser feito na Universidade. Técnica de Lisboa
12	Cartão		Cartão dirigido ao Sr. Presidente da Academia comunicando a impossibilidade de comparecer a uma sessão plenária.
13	Cartão		Cartão comunicando a remessa de 50 separatas do Vol. XVI das memórias da classe de Letras.
14	Parecer		Parecer sobre a proposta dos Srs. Profs. Manuel Jacinto Nunes e Prof. Pinto Barbosa para preenchimento das vagas existentes na secção de ciências económicas e financeiras da Academia.

⁸ O primeiro documento classificado é um parecer dactilografado a 21/10/68 – duas assinaturas ilegíveis incluindo a do relator e Armando Gonçalves Pereira. Existe ainda um parecer manuscrito ilegível com a data indicada.

15	Ofício	11-3-76	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa comunicando a sua eleição para académico efectivo na vaga resultante do falecimento do académico Sr. Prof. Doutor Ruy Ulrich.
16	Cartão	22-3-76	Cartão dirigido ao Sr. Doutor Alberto Fria agradecendo a comunicação da sua eleição como académico efectivo na sessão de 26-2-76.
17	Carta	4-3-76	Carta dirigida ao Sr. Presidente comunicando ter tido conhecimento pelo Prof. Amzalak da sua eleição para sócio efectivo da Academia.
18	Carta	26-7-77	Carta agradecendo os sentimentos enviados pelo Sr. Secretário-Geral em nome da Classe de Letras da Academia.
19	Bibliografia	s/ data	Bibliografia do Sr. Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa.
20	Ofício	15-7-77	Ofício comunicando um voto de sentido pesar pelo falecimento de parente do Sr. Prof. Pinto Barbosa.
21	Exposição	23-3-78	Exposição da autoria de Moses Bensabat Amzalak sobre o elogio histórico do Prof. Doutor Ruy Ennes Ulrich.
22	Ofício	17-8-79	Ofício comunicando o envio de fotocópia de uma comunicação.
23	Ofício	12-9-79	Comunicação do envio de fotocópia dos documentos remetidos à Academia pelo Presidente da Academia Nazionale del Lincei de Itália.
24	Cartão	23-4-80	Cartão dirigido ao Sr. Prof. Mário Martins comunicando a impossibilidade de assistir a uma sua comunicação.
25	Cartão	18-5-80	Cartão dirigido ao Sr. Presidente da Academia delegando no Sr. Presidente a possibilidade de o representar em qualquer sessão da Academia dispondo do seu voto.
26	Comunicação	S/ data	Comunicação apresentada pelo Sr. Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa à Academia com o seguinte título: "II – Problemas Monetários Internacionais da actualidade".
27	Ofício	6-3-81	Convite para assistir a uma comunicação do Sr. Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa efectuada em 1980.
28	Cartão	14-1-83	Cartão dirigido ao Sr. Dr. José H. Saraiva comunicando a apresentação de uma sua comunicação sobre o tema "III Problemas monetários internacionais da actualidade".
29	Carta	20-9-82	Carta do Sr. Dr. Luis Forjaz Trigueiros comunicando a data da comunicação do Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa.
30	Recorte J.	27-2-83	Recorte de jornal anunciando a data de 3 de Março de 1983 para a apresentação de comunicação do Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa.

31	Ofício	2-2-83	Convite para assistir a uma comunicação do Sr. Prof. Pinto Barbosa – assina o convite o secretário-geral José H. Saraiva.
32	Carta	29-8-83	Envio da firma Barbosa & Xavier do orçamento para 100 separatas do artigo do Sr. Prof. Pinto Barbosa.
33	Carta	S/ data	Carta dirigida ao Sr. Dr. Félix Ribeiro pedindo mais de 50 separadores além do número pedido anteriormente.
34 34/1, 34/2, 34/3		29-8-83	Carta da firma Barbosa & Xavier enviando o orçamento para 100 separatas. Anexas cartas dirigidas ao Sr. Dr. Félix Ribeiro sobre o assunto acima referido.
35	Carta	S/ data	Comunicação do envio de fotocópias do expediente relativos às separatas do trabalho do Prof. Pinto Barbosa.
36	Ofício	14-10-83	Ofício dirigido ao Sr. Doutor Félix Ribeiro, pedindo a informação da data de entrega das separatas do trabalho do Sr. Prof. Doutor António Pinto Barbosa.
37	Carta	14-11-83	Carta comunicando o envio de uma factura respeitante a 5 modelos de separatas de artigos inscritos em Memórias da Academia das Ciências – Classe de Letras – Tomo XXIII.
38	Carta	16-11-83	Carta do Sr. Dr. Luis F. Trigueiros dirigida ao Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa comunicando a recepção das separatas do seu trabalho faltando o índice indicado.
39	Ofício	2-5-85	Ofício comunicando a eleição do Sr. Prof. Doutor Pinto Barbosa p/ o cargo de Presidente do Instituto de Altos Estudos.
40	Carta	2-5-84	Carta dirigida ao Sr. Presidente comunicando a sua participação da sessão comemorativa do 1.º centenário do nascimento do Prof. Mira Fernandes.
41	Boletim	4-5-84	Boletim do D.R. II Série n.º 103 de 4-5-84 constante da nomeação do Sr. Prof. Pinto Barbosa como professor catedrático do quadro da Fac. De Economia.
42	Discurso	?	Discurso do Prof. Doutor António Manuel Pinto Barbosa na “Sessão comemorativa do I Centenário do nascimento do Prof. Aureliano Lopes da Mira Fernandes”.
43	Cartão	21-2-84	Cartão dirigido ao Sr. Secretário-Geral comunicando não lhe ser possível estar presente à sessão da Classe de Letras do dia 23 de Fev. 84.
44	Cartão	4-6-84	Cartão dirigido ao Sr. Secretário-Geral comunicando que não poderá estar presente nos próximos actos académicos.
45	Cartão	26-6-84	Cartão dirigido ao Sr. Secretário-Geral comunicando não lhe ser possível assistir à sessão de Classe de Letras.
46	Cartão	5-7-85	Cartão dirigido ao Sr. Secretário-Geral comunicando não poder estar presente à sessão da classe marcada para 11-7-80.

47	Carta	10-2-86	Carta dirigida ao Sr. Dr. Alberto Fria comunicando a apresentação de um seu trabalho sobre o tema "O lado menos visível do Plano Marshall em Portugal." Sua actualidade.
48	Ofício	17-2-86	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor António Pinto Barbosa, pedindo a informação da data da sua comunicação.
49	Carta	17-2-86	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor António Pinto Barbosa propondo os dias 13 ou 27 de Maio para a exposição da sua comunicação.
50	Ofício	19-2-86	Carta dirigida ao Sr. Secretário-Geral Dr. Alberto Fria marcando o dia 13 de Março para a sua comunicação.
51	Ofício	24-2-86	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor António Pinto Barbosa confirmando a data da sua comunicação.
52	Recorte	13-3-86	Recorte de jornal anunciando a comunicação do Sr. Prof. Doutor António Pinto Barbosa presidida pelo Sr. Prof. Dr. Manuel Jacinto Nunes.
53	Recorte	11-3-86	Recorte de jornal anunciando a comunicação do Sr. Prof. Pinto Barbosa.
54	Carta	2-7-86	Carta do Sr. Prof. Vasconcellos Marques acusando a recepção de uma carta recebida.
55	Cartão	27-11-86	Cartão anunciando o resumo da comunicação a apresentar à Academia no dia 13 de Março de 86.
56	Ofício	3-12-86	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor P. Barbosa acerca da organização e realização do Colóquio sobre "Portugal e a Paz" promovida na qualidade de Presidente da J.A. Estudos.
57	Ofício	8-4-87	Dirigido ao Presidente da Academia Brasileira de Letras Dr. Austugésilo, comunicando a deslocação ao Brasil do Sr. Prof. Pinto Barbosa em acção científica.
58	Ofício	22-7-87	Ofício dirigido ao Sr. Prof. A. Pinto Barbosa acerca da possibilidade de a Academia estar interessada em receber um trabalho científico acerca de estudos biográficos sobre o académico Carlos António Napione sua actividade científica em Portugal.
59	Ofício	6-8-87	Ofício dirigido ao Sr. Prof. Doutor A. Pinto Barbosa acerca do elogio histórico do falecido Prof. Doutor Moses Amzalak a ser feito pelo Sr. Prof. Doutor José Joaquim Teixeira Ribeiro, no dia 19 de Novembro de 1987.

Anexo 3: Desequilíbrios externos na Zona Euro

1. Report to Congress on International Economic and Exchange Rate Policies, U.S. Department of the Treasury, Office of International Affairs, 30/10/13, p. 25

Germany has maintained a large current account surplus throughout the euro area financial crisis, and in 2012, Germany's nominal current account surplus was larger than that of China. Germany's anemic pace of domestic demand growth and dependence on exports have hampered rebalancing at a time when many other euro-area countries have been under severe pressure to curb demand and compress imports in order to promote adjustment. The net result has been a deflationary bias for the euro area, as well as for the world economy. Stronger domestic demand growth in surplus European economies, particularly in Germany, would help to facilitate a durable rebalancing of imbalances in the euro area. The EU's annual Macroeconomic Imbalances Procedure, developed as part of the EU's increased focus on surveillance, should help signal building external and internal imbalances; however, the procedure remains somewhat asymmetric and does not give sufficient attention to countries with large and sustained external surpluses like Germany.

2. Exchange Rate Dynamics Revisited⁹

The dominating model presented by Dornbusch (1976) assumes flexible prices and perfect substitutability of domestic and foreign assets, so that only capital account shocks matter in exchange rate adjustments. With no correcting current account adjustments, high volatilities of exchange rates are expected. The "acceleration hypothesis", introduced by Kouri (1978), states that international capital flows must be financed by appropriate current account flows: when the trade to finance ratio is low, exchange rate adjustment may well take decades. In partial equilibrium, the acceleration hypothesis states that the rate of change of the exchange rate is proportional to the ratio of the current account deficit to the

⁹ Excerpts from "Portugal's assisted adjustment: death on the beach?", presented at Conference "Can the Eurozone Be Saved?" LBJ School of Public Affairs Austin, TX 04/11/13. This draws on NBER Working Paper n.º 19718, coauthored with Urho Lempien.

sum of holdings of foreign assets by domestic residents and holdings of domestic assets by foreign residents. In general equilibrium, the adjustment speed is higher: it is defined by the stock of domestic assets not held by domestic residents, adjusted for speculative (expectations sensitive) portfolio allocation terms. In the mainstream literature the volatility of real exchange rates is often benchmarked against the volatility of inflation indices and found to be very high.

As it turns out, general equilibrium constraints on wealth and investment behavior reflect to a substantial degree the stylized facts of liquid foreign exchange markets. These are demonstrated by Monte Carlo simulations where autonomous factors are assumed to net each other so that only current account adjustments translate changes in fixed parameters and random shocks into the exchange rate. A strong correction mechanism of the exchange rates through the current account implies that market disturbances originating in underlying shocks or in capital flows are quickly smoothed out – contrary to the made up image of foreign exchange market volatility among practitioners.

The testing platform includes two similar large, relatively open economies, mimicking the €/ \$ rate. In the Dornbusch formulation, the non-stationary nature of exchange rate behavior is seen in the pattern where the 90% variation range is approximately 200% of the median level at 30 years, whereas in the Kouri case it is about one half. Simulations of the general equilibrium case show a faster adjustment process: already 2 years after the start of simulations the actual exchange rate is very close to the new steady state value. At the 30 years time point, it is about 20% of the initial steady state value.

Even when assets are perfect substitutes, monetary policy-makers can strengthen the international financial intermediation required for an intertemporal view of current account adjustment. Instead, when shifts in asset demands are a source of exchange rate instability, costless changes in the mixture of asset supplies may forestall costly macroeconomic adjustments in output and employment. The case for intervention by central banks to facilitate the current account process is stronger the more significant are differences in asset preferences. Obstfeld (2012) warns that current account imbalances, while very possibly warranted by fundamentals and welcome, can also signal elevated macroeconomic and financial stresses, as was arguably the case in the mid-2000s. He adds that valuation changes in net international investment positions, "while possibly important

in risk allocation, cannot be relied upon systematically to offset the changes in national wealth implied by the current account". Reforms have different time frames depending on the institutions which need to be changed. In addition, fiscal and monetary policies, macroeconomic and structural policies are closely interrelated (Macedo et al. 2013).

German companies know that they will remain competitive as long as trade takes place under fixed exchange rates: over 1999-2010, the German economy has accumulated well over €1tril from the EU-27 countries and about €760 bil from the rest of the world (Macedo and Lempinen, 2012). This indicates that German companies have been much more competitive in intra-EU trade. Consequently the highest profit margins are also likely to come from intra-EU business. On these grounds German industries must be very much in support of the trade opportunities allowed by the fixed exchange rate within the EZ. This may require potential bail out and support expenses to maintain the structure stable¹⁰.

Growth and inflation performance and the level of interest rates have mainly reflected the (weak) state of the global economy since the dotcom crisis. The overall macroeconomic policy stance has been very expansionary with the result that by following this policy the global economy has so far been able to avoid the Great Depression on a global scale. Is it possible that the EZ (and the global economy) have avoided Keynesian Liquidity Trap but ended up in Japanese Debt Trap?

History and geography prevent us from blaming democracy for the rise of populism (Philip Stephens, *Financial Times*, May 10): not many Europeans would exchange the right to vote for a quick fix in the EZ even though "a benign autocrat might have done a better job than 27 elected governments" and "economic interdependence and borderless communications leave governments to compete with multinational organizations. Nevertheless, the quick fix happened because (id. ibid. Nov 1) "the hedged funds missed the sheer force of political will behind the project" but "it would be a mistake to say the game is over". There is a Wicksellian flavor behind this diagnostic: whereas the technological forces underlying the global reach of the market make protection inefficient and inequitable,

¹⁰ For Fratzscher (2013), Germany is the perfect scapegoat because adjustment countries look for external culprit, Germany is large, doing relatively well, clumsy during crisis (history matters).

preferences between private and public goods are national (Cooper, 1974). The single market needs a single currency and banking union before it needs a budget union as long as national preferences about taxation are consistent with sustainable external imbalances: *the EZ crisis is a balance of payments rather than a sovereign debt crisis* (Krugman, 2013).

REFERENCES

- R. Cooper, *Economic Mobility and National Economic Policy*, Wicksell Lecture 1973, Stockholm 1974;
- R. Dornbusch, Expectations and exchange rate dynamics, *Journal of Political Economy*, December 1976;
- M. Fratzscher, Germany's role in Europe, draft, September 2013;
- B. Eichengreen, N. Jung, S. Moch & A. Mody, The Eurozone crisis: Phoenix Miracle or Lost Decade, draft, July 2013;
- P. Kouri, The balance of payments and the foreign exchange market: a dynamic partial equilibrium model, 1978, reprinted in Macedo & Lempinen, 2011, pp. 329-370;
- P. Krugman, Currency Regimes, Capital Flows and Crises, draft, October 2013;
- J. B. Macedo & U. Lempinen (editors), *Open Economy Dynamics Selected Papers by Pentti Kouri*, Helsinki: Taloustieto Oy, 2011;
- J. B. Macedo, J. Oliveira Martins & B. Rocha, Are complementary reforms a "luxury" for developing countries?, *Journal of Comparative Economics*, forthcoming 2013;
- M. Obstfeld, Does the Current Account Still Matter?, *American Economic Review*, May 2012.